

## III.2. Ripensare il Portogallo: la Geração de 70

**Testo 2.7 Oliveira Martins, [Contrappunti coloniali: il Brasile e le colonie africane] in *O Brasil e as colónias portuguesas* (1881), Guimarães, Lisboa, 1978, pp. 9-11.**

Oliveira Martins occupò gli ultimi mesi del 1879 per scrivere la terza opera della sua *Biblioteca das Ciências Sociais*: pubblicato nel 1881, *O Brasil e as colónias portuguesas* è un saggio composto da cinque capitoli rispettivamente sulla scoperta e colonizzazione del Brasile, sul commercio degli schiavi, sul ruolo dell’Africa dopo la perdita del Brasile – avvertita non come catastrofe ma come vantaggio («con la fortuna di non doverlo nemmeno governare») – nell’economia coloniale della nazione, sui destini dell’imperialismo portoghese e sull’antropologia del «nero». Proprio alla figura del «selvaggio» africano Oliveira Martins, sulla scia del darwinismo sociale diffuso dalle scuole etno-antropologiche di Parigi, dedicò una serie di osservazioni in cui si mescolano presunti criteri di scientificità di moda al tempo (il cranio dei neri è minore rispetto a quello dei bianchi) a sprezzanti considerazioni sull’inutilità di elevare «intellettualmente e moralmente le popolazioni indigene». La pragmatica disamina della situazione coloniale in Angola e Mozambico ma anche nelle ultime propaggini orientali considerate reliquie di un passato ormai lontano e inutile rivela, da un lato, lo scetticismo martiniano verso la manutenzione dell’Impero così come si trova allo stato attuale, dall’altro, la spinta riformatrice sul modello europeo (inglese e francese) che implichi la trasformazione delle colonie da «fardelli» in vere e proprie ricchezze. In questa direzione, va la proposta – al tempo scandalosa – dello storico di vendere o alienare parte del patrimonio territoriale delle colonie portoghesi in Africa.

### ADVERTÊNCIA

Hanc clim veteres vitam coluere Sabini;  
Hanc Remus et frater; sic fortis Etruria crevit  
Scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma.  
VIRG., GEORG., II, 532-5.

Não encontrará o leitor, nesta obra, a história do nosso domínio no Oriente. Tratemos agora de *colônias*, e não de conquistas, especiais, a nosso ver, inteiramente diversas.

A conquista ou vassalagem das costas e ilhas do oceano Índico, pelos Portugueses, foi já por nós estudada, sumária e rapidamente, como convém no plano destes livros, e em episódio ruidoso, brilhante se quiserem, para a nossa Pátria, mas sem maior alcance para a história do mundo.

Dessa *Viagem da Índia*<sup>1</sup>, em que Portugal se embarcou, restam ainda salvados, como quando, depois do naufrágio, flutuam sobre as ondas as estilhas do navio despedaçado: Timor, Macau, que principiou por ser um ninho de piratas, e a cidade do Albuquerque terrível, Goa, com um alfoz, recentemente enfeudado à Inglaterra. Resta ainda um largo tracto da costa oriental da África, depois de perdido o Zanzibar ao norte e ao sul o cabo com o porto a que Vasco da Gama chamou do Natal.

Em Moçambique, porém, e na vasta Zambézia<sup>2</sup>, não acharam os Portugueses uma civilização indígena ou implantada, como a da Índia, ou a que os Árabes tinham estendido ao longo da costa oriental de África, na sua metade norte. Eram territórios habitados por selvagens, como o eram os da costa ocidental, como o eram os do Brasil. Moçambique prende-se, pois, à história colonial portuguesa, dando a esta expressão o sentido restrito que em nosso entender lhe convém. Conquistar pelas armas e impor o domínio próprio a nações cultas, embora o sejam de um modo diverso do europeu, difere essencialmente do facto de amansar tribos selvagens, de as exterminar, de povoar territórios nus, de desbravar florestas virgens, e abrir o solo às culturas produtivas; e ainda que usualmente demos o nome de colónias<sup>3</sup> a todos os estabelecimentos fundados por europeus fora da Europa, é fora de dúvida que esta condição geográfica importa muito menos do que a distinção proveniente do carácter desses estabelecimentos.

Neste livro, pois, estudaremos a colonização dos portugueses na América e na África; estudá-la-emos conjuntamente, porque os territórios nacionais formavam nessas duas partes do mundo um sistema que se desenvolvia de um modo paralelo ao sistema das conquistas orientais. No Oriente os Portugueses davam largas no seu génio guerreiro e mercantil; na África e América obedeciam aos impulsos mais felizes do seu génio indagador e audaz. A mesma tenacidade com que antes tinham querido desvendar, e tinham desvendado, os segredos do mar<sup>4</sup>, era a que os impelia agora a descobrir os segredos desses vastos e espessos sertões da África e da América austrais.

Tão incapazes e infelizes provaram ser numa empresa, como aptos e afortunados se mostraram na outra. Os Portugueses foram os primeiros colonizadores europeus; e as ilhas do Atlântico o primeiro exemplar de colónias propriamente ditas. As sementes lançadas à terra da América germinaram, e o império do novo continente veio dar um maior testemunho posterior do nosso génio. Fortuna diversa coube à África, por isso que ela foi, quase até nossos dias, uma dependência do Brasil. À obra do arroteamento e cultura na América faltavam braços, e na África sobravam negros: as duas colónias formavam um sistema, como atrás dissemos; mas se provinha daí o fomento de uma, provinha também a condenação da outra. Emancipado o Brasil e abolida a escravidão, a África entrou recentemente numa era nova, a que nós, a seu tempo, buscaremos descortinar o futuro.

Uma nação formada, livre e forte, na América, e quase metade da metade austral da África a colonizar ou a explorar: eis aí o que foi e o que é a obra dos Portugueses. A sua história não ficaria completa, se se lhe não juntasse a das suas colónias — até porque elas serão para o futuro o melhor testemunho, acaso o único vivo testemunho, da sua existência no mundo, da sua intervenção activa na civilização europeia.

Essa história da formação e desenvolvimento das colónias, nem por ser destituída dos episódios brilhantes, dos casos dramáticos, das intrigas enredadas que a intervenção dos caracteres dos homens põe na existência das nações, deixa de merecer uma atenção viva. É um estudo de embriologia social. Vê-se aí na confusão muda das coisas primitivas, o como que germinar da semente, e assiste-se ao domínio franco das leis da natureza e dos instintos humanos — que são também uma expressão dessas leis. A História reduz-se a fastos mas cada uma dessas datas simples: a exploração de um rio, a construção de uma casa, o morticínio de uma tribo indígena, o desembarque das mulheres vindas do Reino, ou o rapto das dos índios; cada um desses factos acorda no espirito do observador o conjunto de con-

dições e de leis a que obedecem o nascer e o crescer das sociedades. «Assim viveram os velhos sabinos, assim Remo e seu irmão; assim cresceu a poderosa Etrúria; assim Roma se tornou a maravilha do mundo!»<sup>5</sup>. [...]

1. V. *Hist. da Rep. Romana*, 1, pp. 211-14. (note dell'autore)

2. La Zambezia è una provincia del Mozambico centrale.

3. *Hist. de Port.* (4.a ed.), 1, pp. 51-52 e 163-222. (N.d.A.)

4. V. *Hist. da Rep. Romana*, introd., IX, e segs. (N.d.A.)

5. *História de Portugal*, 1. IV; no tomo II, pp. 197-276 (4.4 ed.) (N.d.A.).

## AVVERTENZA

Il lettore non troverà in quest'opera la storia dei nostri possedimenti in Oriente. Ora parleremo di colonie, e non di conquiste, due concetti, a nostro avviso, completamente differenti. La conquista o il vassallaggio delle coste e delle isole dell'Oceano Indiano, da parte dei portoghesi, è già stata studiata, concisamente e rapidamente, come conviene nel progetto di questi libri, e come avvenimento importante, brillante se si vuole, per il nostro paese, ma senza particolari ripercussioni sulla storia del mondo. Di questo *viaggio in India*, intrapreso dal Portogallo, si sono salvate – come quando, dopo il naufragio, galleggiano sulle onde i frammenti della nave in frantumi –, Timor, Macao (che è divenuto un nido di pirati) e la città di Albuquerque e Goa, di cui una parte recentemente assoggettata dall'Inghilterra.

Rimane ancora un ampio tratto della costa orientale dell'Africa, dopo aver perso Zanzibar a nord e a sud del capo con il porto che Vasco da Gama aveva battezzato «Natale». In Mozambico, però, e nella vasta Zambezia, i portoghesi non hanno trovato una civiltà indigena, come quella in India, o come quella che gli arabi avevano esteso lungo la costa orientale dell'Africa, nella metà settentrionale. Erano territori abitati da selvaggi, così come lo erano quelli della costa occidentale e così come quelli del Brasile. Il Mozambico si lega quindi alla storia coloniale portoghese, dando a questa espressione un significato ristretto che riteniamo si addica maggiormente. Conquistare con le armi e imporre il proprio dominio a nazioni colte, anche se sono differenti dall'europeo, differisce essenzialmente dal domare tribù selvagge, sterminarle, popolare territori nudi, domare foreste vergini, e aprire il terreno a culture produttive; e anche se di solito diamo il nome di colonie a tutti i possedimenti degli europei al di fuori dell'Europa, è indubbio che questa condizione geografica è molto meno importante della distinzione proveniente dalla natura di questi possedimenti. In questo libro, dunque, studieremo la colonizzazione portoghese in America e in Africa; la studieremo insieme, perché i territori nazionali formavano in queste due parti del mondo un sistema che si sviluppava parallelamente al sistema delle conquiste orientali. In Oriente i portoghesi hanno dato sfogo al loro genio guerriero e mercantile; in Africa e in America obbedirono agli impulsi più felici del loro genio esploratore e audace. La stessa tenacia con cui prima avevano voluto svelare, e avevano svelato, i segreti del mare, era ciò che li spingeva ora a scoprire i segreti di questi vasti e fitti territori dell'Africa e del Sud America. Così incapaci e sventurati si dimostrarono in un'impresa, come capaci e fortunati si dimostrarono nell'altra. I portoghesi furono i primi coloni europei e le isole dell'Atlantico il primo esempio di colonie propriamente dette. I semi gettati nella terra d'America germinarono e l'impero del nuovo continente diede la più grande testimonianza del nostro genio. Una fortuna diversa spettò all'Africa, in quanto fu, quasi fino ad oggi, una dipendenza del Brasile. Al lavoro di dissodamento e coltivazione in America mancavano braccia e in Africa avanzavano neri: le due colonie formavano un sistema, come abbiamo già

detto, ma se questo sistema favoriva e sviluppava una parte, ne provocava anche la condanna dell'altra. Emancipato il Brasile e abolita la schiavitù, l'Africa è entrata recentemente in una nuova era, che noi, a tempo debito, cercheremo di scorgere il futuro. Una nazione formata, libera e forte, in America, e quasi la metà della metà meridionale dell'Africa da colonizzare o da sfruttare: ecco ciò che era e ciò che è l'opera dei portoghesi. La loro storia non sarebbe completa se non si includesse la storia delle loro colonie, perché queste saranno il miglior testimone futuro, forse l'unico testimone vivo della loro esistenza nel mondo, del loro ruolo attivo nella civiltà europea. Questa storia della formazione e dello sviluppo delle colonie – anche se non privata degli episodi brillanti, dei casi drammatici, degli intrighi orditi che l'intervento degli uomini ha inciso sull'esistenza delle nazioni, non merita più una attenzione viva. Si tratta di uno studio di embriologia sociale. Si vede nella silente confusione delle cose primitive, quasi fosse un seme che germina, e si assiste al dominio franco delle leggi della natura e degli istinti umani – che sono anche espressione di queste leggi. La storia si riduce a eventi fastosi, ma ognuno di questi semplici avvenimenti: lo sfruttamento di un fiume, la costruzione di una casa, l'uccisione di una tribù indigena, lo sbarco di donne provenienti dal Regno, o il rapimento delle donne degli indios, ognuno di questi fatti risveglia nella mente dell'osservatore l'insieme delle condizioni e delle leggi che obbediscono alla nascita e alla crescita delle società. «Così hanno vissuto i vecchi sabini, così Remo e suo fratello; così è cresciuta la potente Etruria; così Roma divenne la meraviglia del mondo!».